
Observatório racial da mídia: o impacto do caso de racismo contra o jogador Vini Jr.¹

Ana Beatriz dos Santos MENEZES²

Flávio Emanuel Inocêncio FREIRE³

Márcia GUENA⁴

Céres SANTOS⁵

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

Resumo

Este trabalho tem por objetivo apresentar parte dos resultados obtidos na pesquisa Observatório Racial da Mídia, a partir de dados coletados diariamente na mídia hegemônica (jornais Folha de S. Paulo, o g1 e o UOL) e independente negra (Mundo Negro (SP), Alma Preta (SP), Notícia Preta (RJ), e Amazônia Real (AM)) durante o mês de maio de 2023, mês em que ocorreu o episódio de racismo contra o jogador da seleção brasileira de futebol, Vini Jr. Durante esse mês a quantidade de matérias, de distintos gêneros, teve um aumento significativo em relação ao trimestre anterior, de fevereiro a abril. Os dados foram analisados a partir da teoria do enquadramento (ROTHBERG, 2010), da análise das fontes (JONCEW, 2005; LAGE, 2001) e do mapa de cobertura (GUERRA, 2008).

Palavras-chave: Observatório Racial da Mídia; mídia hegemônica; mídia independente negra; Vini Jr.

Introdução

Este trabalho é fruto do projeto de Iniciação Científica (IC) Observatório Racial da Mídia, vinculado ao curso de Jornalismo em Multimeios, do Departamento de Ciências Humanas da UNEB (DCH III), apoiado pelo Programa Afirmativa da Pró-Reitoria de Ações Afirmativas (PROAF/UNEB), através de três bolsas de IC, direcionadas a estudantes cotistas, e coordenado pelas professoras Márcia Guena e Céres Santos. Os resultados partem de dois dos subprojetos, um sobre a mídia hegemônica e outro sobre a mídia independente, que realizam monitoramento diário. A escolha de maio como período de comparação deve-se a densa cobertura que foi feita do

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior – Jornalismo, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Estudante de Graduação do 4º semestre do curso de Jornalismo em Multimeios do Departamento de Ciências Humanas da UNEB, e-mail: beatrizmenezes30@gmail.com.

³ Estudante de Graduação do 7º semestre do curso de Jornalismo em Multimeios do Departamento de Ciências Humanas da UNEB, e-mail: flaviofreire24@gmail.com.

⁴ Orientadora do trabalho. Professora Doutora do curso de Jornalismo em Multimeios e do Programa em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos - PPGESA, vinculado ao Departamento de Ciências Humanas da UNEB, e-mail: marciaguena@gmail.com.

⁵ Orientadora do trabalho. Professora Doutora do curso de Jornalismo em Multimeios e do Programa em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos - PPGESA, vinculado ao Departamento de Ciências Humanas da UNEB, e-mail: ceressantos3@gmail.com.

caso de racismo contra o jogador Vinícius Júnior, que aconteceu no jogo contra o Valencia, na Espanha, dia 21, pela La Liga. O jogador foi chamado de macaco “*mono*”, em espanhol, pelos torcedores do estádio; aconteceu uma discussão entre jogadores, Vini Jr. foi agredido, porém o juiz aparentemente não viu, dando-lhe cartão vermelho.

O objetivo consiste em mostrar os enquadramentos identificados e as fontes ouvidas, dedicando atenção especial para a matriz de cobertura, além da realização de comparações entre o mês de maio, quando ocorreu o caso, e o trimestre anterior. No caso da mídia hegemônica, o *corpus* da pesquisa são matérias jornalísticas de todas as editorias, exceto painel do leitor e *newsletters* – porque a primeira é produto das indagações dos leitores e a segunda é o resumo de notícias – coletadas de fevereiro a maio de 2023, localizadas pelas palavras-chave: negros, negras, indígenas, raça e racismo. Para classificar as fontes, as identificamos por sexo (masculino e feminino); e por raça, utilizando a nomenclatura do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que considera negros a soma de pretos e pardos.

Marco teórico

A classificação de fontes jornalísticas é analisada por vários autores a partir de pontos de partida distintos, como aponta Joncew (2005). A autora aponta 11 pesquisadores que elaboram categorias distintas. Aqui utilizamos a classificação proposta por Nilson Lage (2003). Quanto à natureza, Lage relaciona com a confiabilidade, classificando as fontes como oficiais, oficiosas e independentes: as fontes oficiais são mantidas pelo Estado, por empresas ou organizações; as fontes oficiosas são aquelas que, “reconhecidamente ligadas a uma entidade ou indivíduo, não estão, porém, autorizadas a falar em nome dela ou dele, o que significa que o que disserem poderá ser desmentido”(LAGE, 2001, p.27); e já as fontes independentes são aquelas desvinculadas de relações com as diferentes esferas do poder. As fontes podem ainda ser primárias, quando fornecem dados/informações produzidas por elas, e secundárias, quando remetem a outras fontes; testemunhos e *experts* nos assuntos.

Porém, é importante destacar que não temos visto os autores considerarem os aspectos gênero e raça para elaborar a classificação das fontes jornalísticas. Assim, partindo de uma abordagem interseccional e decolonial, que percebe as hierarquias da modernidade/colonialidade (GROSGOUEL, 2018) e subalterniza os falantes não

brancos, adicionamos esses dois aspectos na classificação das fontes. Ele é fundamental para a compreensão do impacto do racismo e do sexismo na comunicação. Quem pode falar? Que pessoas são alçadas à condição de autoridade?

O enquadramento, segundo Rothberg (2010, p. 55-56) se dá através da “seleção, exclusão ou ênfase de determinadas informações”. É uma ideia central que ajuda a organizar a realidade. O autor define algumas tipologias de enquadramento: o oficialista, o qual não parte para a escuta da sociedade civil, no qual predominam o uso de fontes oficiais; de conflito, quando opõe falas e cria uma disputa entre as duas partes ouvidas, geralmente ; de jogo, quando foca em estratégias, de políticos, principalmente; e episódicos, quando fatos recebem tratamento superficial, reduzindo-os a meros episódios. Já a matriz de cobertura é, para Guerra(2010), “[...] um recorte na área temática no qual estarão definidas as instituições, as organizações e os ambientes de convivência ao alcance do trabalho da organização para a produção da notícia” (GUERRA, 2010, p. 156-157).

Mídia hegemônica

Neste tópico trazemos os dados e análises da cobertura realizada pelos jornais da mídia hegemônica pesquisados - Folha de São Paulo, Uol e G1- comprando o trimestre que vai de fevereiro a abril, com o mês de maio, quando ocorreu o episódio racista contra o jogador Vini Jr. O que se destaca, inicialmente, é a superioridade numérica dos textos jornalísticos referentes ao episódio que envolveu o jogador, em relação ao trimestre anterior.

Em maio, a Folha de São Paulo publicou um número consideravelmente maior de matérias sobre a temática racial, comparado ao trimestre anterior. foram coletadas 223 matérias pelas palavras-chave que elencamos, enquanto que no período de fevereiro a abril foram 151 matérias. O tema mais abordado foi o décimo caso de racismo contra o jogador Vinícius Júnior em campo. Catalogamos cerca de 70 matérias sobre esse caso, majoritariamente da editoria de esportes, um total de 53, mas também na de opinião (colunas e blogs) e política, referentes aos desdobramentos entre os ministérios da igualdade racial do Brasil e da Espanha.

Quanto ao enquadramento na folha, no recorte do caso de racismo contra o jogador, entre os dias 21 e 31, observou-se o enquadramento oficialista e o de conflito.

O primeiro predomina em cerca de 90% das matérias, uma vez que as fontes ouvidas foram o jogador, o árbitro da partida contra o Valencia – Ricardo Burgos Bengoetxea –, o presidente do Real Madrid – Florentino Pérez –, o presidente da La Liga – Javier Tebas –, a ministra da Igualdade Racial do Brasil – Aniele Franco – e o presidente do Brasil – Luís Inácio Lula da Silva –, e os títulos baseiam-se em pronunciamentos de tais personalidades, escritos dessa forma: “Vinícius Júnior reage”; “Presidente do Real promete a Vinicius Junior”; “Lula pede sérias providências” etc. Ademais, há a presença do enquadramento de conflito, uma vez que nota-se a oposição entre falas e posicionamentos de fontes, tais como no seguinte título: “Aras pede inquérito contra Magno Malta por ofensas a Vini Jr”.

Quanto à pluralidade de fontes, no caso que o objeto de estudo deste trabalho, percebeu-se que, apesar de um número razoável por matéria, cerca de quatro – considerando os “dois lados” de uma história – estas se resumem a oficiais, ligadas à entidades estatais e do futebol. Além disso, há falas de vítimas e pessoas envolvidas diretamente no caso, as oficiosas, como Vini Jr. e o membro de seu *staff* que sofreu racismo antes do jogo do Brasil contra a Guiné, Felipe Silveira.

Há uma pequena diversidade em matérias da editoria colunas e blogs, nas quais colonistas ouvem pessoas como professores e membros de instituições não governamentais – as fontes independentes –, como na coluna de Mônica Bérghamo, do dia 27, intitulada “Vini Jr. ensina que devemos erguer a cabeça e ir até o fim contra racismo”, em que se ouve Carla Akotirene, mulher negra, pesquisadora e escritora da temática racial. Sobre os enquadramentos, o oficialista e o episódico predominaram, mas também o de conflito aparece em alguns textos, como os que opõem falas de Vini Jr. com falas do presidente da LaLiga, Javier Tebas.

Quanto às fontes totais do mês de maio, ouviu-se 349: 240 são homens. destes, 89 são negros, 149 brancos e dois são indígenas. as mulheres ouvidas são 109: 40 negras, 65 brancas e quatro indígenas; com a predominância, portanto, de fontes do sexo masculino (240) e brancas (214, e negras 129). Dentre as editorias, a de colunas de opinião foi a que teve um número maior de publicações: ao todo foram 69. Em seguida, a de esportes, com 51 matérias; seguido da ilustrada, com 13; e a de política, com 12. Desta quantidade, observou-se que o tema mais abordado foi o décimo caso de

racismo contra o jogador brasileiro Vinícius Júnior, sofrido em jogo contra o Valencia, na Espanha – em 70 matérias. Quanto à pluralidade de fontes, percebeu-se que há um certo número de fontes, cerca de quatro por matéria, porém se resumem às oficiais, ligadas à entidades estatais, do futebol. Além disso, há falas de vítimas e pessoas envolvidas diretamente, como por exemplo, no caso da pesquisadora retirada do avião em Salvador (BA), Samantha Vitena.

No mais, durante o mês todo, a Folha publicou um editorial no *site*, no dia 22, um dia após o caso de Vini Jr., intitulado “Racistas X Futebol”, o que deixa explícita a posição em que o veículo está mediante a situação.

No g1, em maio, coletou-se 103 matérias, um número bem maior do que o registrado mensalmente nos três meses anteriores, resultado do emprego das palavras-chave elencadas para realizar as pesquisas. Destas, 28 abordavam o caso do jogador brasileiro, tendo como fontes principais o próprio Vini Jr., o árbitro da partida, o presidente da La Liga, o presidente do Real Madrid e o presidente do Brasil. Chama atenção o fato de que há algumas matérias que tratam do caso de Vinicius Junior, porém estão na editoria de cotidiano, não na editoria de esportes.

Curiosamente, o tema que mais teve destaque não foi o caso de racismo contra Vinícius Jr., o qual corresponde a 36,7% do total, mas sim diversos casos de racismo sofridos por diversas pessoas no país e no exterior, como o de brasileiros que sofreram xenofobia em Portugal, não abordando apenas casos que envolveram pessoas famosas. Há a presença de casos que aconteceram em escolas, universidades, supermercados e restaurantes, como o caso do casal negro que sofreu racismo em uma loja do grupo Carrefour, em Salvador, na Bahia, no dia 7 do mesmo mês. Esse tipo de cobertura realizada pelo g1 conduz a uma contextualização maior do problema, mostrando como o racismo é cotidiano e rotineiro e que muitas pessoas que moram no exterior são vítimas desse crime, não se restringindo a uma cobertura de pessoas famosas.

Quanto ao total de maio as editorias que mais têm conteúdo são a de cotidiano e a de política, com o total de 41 e 21 matérias, respectivamente, seguido de educação, com oito, e esporte, com sete. Os temas mais abordados foram casos de racismo, em particular o caso de racismo contra Vinícius Júnior e o Dia da Abolição da Escravidão. Das 103 matérias, 56 são de casos de racismo, investigados pela Polícia Civil, ou em

instâncias dos Ministérios Públicos, sendo enquadradas na editoria de cotidiano. No que se refere às fontes, 88 são homens – 30 negros, 57 brancos e um indígena –, e 55 são mulheres – 33 negras, 21 brancas e uma indígena –, resultando em um total de 143 fontes.

Quanto aos enquadramentos, observou-se que a maioria segue pelo caráter oficialista – 73, cerca de 68% do total, que é 103 –; infere-se isto porque os títulos começam com “Polícia Civil indicia”, “MP recomenda”, e porque a maioria das fontes são oficiais, além de haver posicionamentos de órgãos da segurança pública. Contudo, também há matérias que se iniciam pela perspectiva das vítimas e pessoas envolvidas, tais como: “Mulher denuncia racismo”, “Jovem denuncia shopping por racismo”, “Mãe de santo denuncia”, as quais se caracterizam pelo uso de fontes oficiosas. Há ainda matérias que tratam do Dia da Abolição da Escravidão, dia 13 de maio: uma faz ligações da data com os casos de pessoas que foram resgatadas de condições de trabalho análogas à escravidão, nesse ano; outras três trazem críticas e falas de pesquisadores, como João Carvalho e Sidney Aguiar Filho, totalizando quatro matérias – estas são consideradas como de caráter temático, porque fogem das fontes oficiais e explicam causas e efeitos do problema, não se restringindo meramente ao episódio.

Contudo, também há matérias que se iniciam pela perspectiva das vítimas e pessoas envolvidas, as fontes oficiosas. Logo, seguem principalmente pelos enquadramentos episódicos e oficialistas.

No UOL, em maio, encontramos 78 matérias sobre a questão racial, contra 90 do trimestre anterior. Dentre as 78 de maio, a editoria que mais tem conteúdo é a de esportes, com 32, seguida da de colunas de opinião, com 11, e por último, cotidiano – economia, política e educação têm, cada uma, duas matérias. Os temas mais abordados foram o caso de racismo contra Vinicius Junior – em 26 matérias. Deste número, a maioria se concentra na editoria de esportes, seguida da de cotidiano, mundo e opinião, e os enquadramentos que mais se repetem são o de conflito e o oficialista, sendo notado ainda o episódico, em matérias que apenas se noticia o fato, não dando aprofundamento e não ouvindo fontes extra-oficiais.

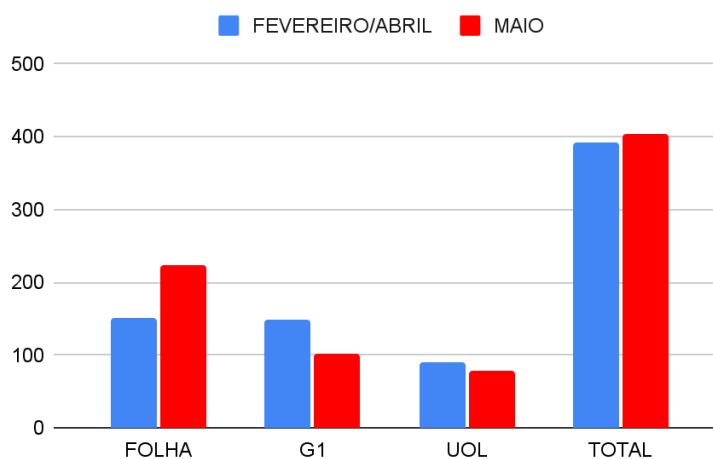
Além disso, no mês de maio outros casos de racismo no esporte foram noticiados no UOL, como o de jogadores do Santos, em partida contra o Cerro Porteño; o caso das

influenciadoras indiciadas por racismo recreativo contra crianças e o 13 de maio também tiveram destaque.

Sobre as fontes, foram ouvidas no total, em maio, 110, as quais 75 são homens – 37 negros e 38 brancos –, e 35 são mulheres – 21 negras e 14 brancas. Predomina o enquadramento oficialista – em 39, sendo 50% do total –, pois as fontes ouvidas são, na maioria, pessoas ligadas aos governos, como o presidente do Brasil, deputados (as), entidades ligadas ao esporte, nacional e internacional, delegados, policiais e advogados.

Vale destacar que em três matérias há a predominância de dois tipos de enquadramentos: conflito e oficialista; identificou-se isto porque há a presença majoritária de fontes oficiais, porém há o viés conflituoso, que opõem ideias e posicionamentos de tais fontes. Nas matérias que tratam do caso de racismo contra crianças, por influenciadoras, nota-se uma cobertura mais diversa, pois há falas de advogadas que trabalham com a temática racial, como Fayda Belo – há matérias em que é a única fonte especializada no assunto.

Quantidade de matérias sobre a temática racial veiculada nos jornais Folha de S. Paulo, g1 e UOL no período de fevereiro a março de 2023



Fonte: Dados elaborados pelos autores da pesquisa

O gráfico considera os dados da cobertura do caso de Vini Jr. somado aos do restante do mês.

Mídia independente negra

Os dados referentes à mídia independente não demonstraram alterações significativas em resposta ao incidente de racismo vivenciado pelo jogador Vini Jr. Tomemos como exemplo o Jornal Alma Preta, cujo registro aponta a divulgação de 12 matérias no decorrer do mês de maio. Tal número apresenta uma diminuição comparativa em relação ao trimestre anterior, o qual abarcou um total de 38 reportagens.

Contudo, é pertinente ressaltar que a média mensal permaneceu relativamente estável. No que diz respeito às fontes acionadas para embasar as narrativas, em maio houve a participação de 18 indivíduos. Dentre eles, destacam-se 14 mulheres e três homens negros, uma diferença evidente quando contrastada com a presença de homens e mulheres brancos, que totalizaram somente um homem branco e não houve representação feminina branca. Ademais, é notório que o enfoque temático predominou em 24 das matérias veiculadas durante esse período. De igual relevância, percebe-se um enfoque notável nas fontes oficialmente reconhecidas, destacando-se a figura da Ministra da Igualdade Racial, cujo contributo se materializou como fonte em 27% das publicações.

Em relação ao Notícia Preta, o mês de maio trouxe à tona a divulgação de 19 matérias, cifra que contrasta com as 61 do trimestre anterior, contudo, a média mensal foi mantida em paridade. A editoria de sociedade predominou nas matérias veiculadas, em que 20 fontes foram consultadas para sustentar o conteúdo. Dessas fontes, 14 eram mulheres, uma era uma mulher trans e cinco eram homens. A distribuição se desdobrou da seguinte maneira: 13 mulheres negras, uma mulher indígena, uma mulher negra trans, quatro homens negros e um homem branco. É possível notar o domínio do enquadramento temático nesse contexto. Em relação à diversidade de fontes, observa-se a preponderância da abordagem oficiosa, presente em 67% das matérias, exemplificada notavelmente pelo destaque conferido à professora Isabel Oliveira.

Tanto o Jornal Alma Preta quanto o Notícia Preta fizeram questão de manifestar uma clara intenção de dar destaque às vozes e perspectivas das mulheres negras, ao mesmo tempo que almejam fomentar a equidade racial e aprofundar a representatividade. Paralelamente, no cenário da Amazônia Real, o mês de maio assinalou a produção de apenas sete matérias, um número substancialmente inferior ao total de 33 veiculadas no trimestre precedente, estabelecendo-se abaixo da média

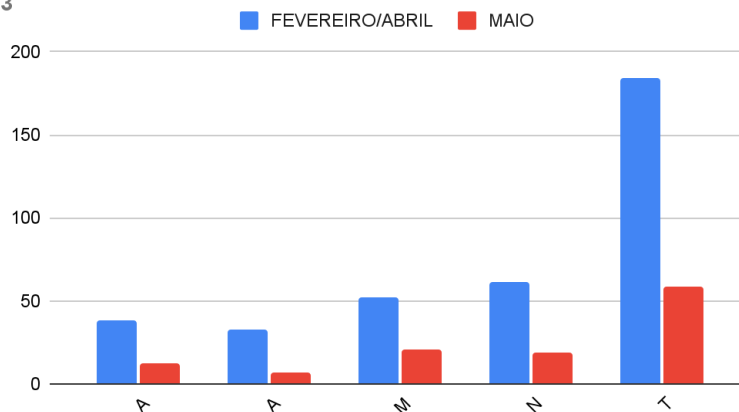
mensal projetada. Com respeito às fontes consultadas no mês em questão, o contingente somou 17 indivíduos, divididos em nove mulheres e oito homens. A distribuição dessas fontes se deu da seguinte forma: sete mulheres indígenas, duas mulheres brancas, quatro homens indígenas e quatro homens brancos.

Quanto ao enquadramento das matérias, constata-se que o aspecto mais frequentemente adotado é o do "conflito", manifestando-se em 22 das matérias veiculadas entre os meses de fevereiro e maio. Nesse contexto, as fontes oficiais, que englobam Ministros, como é o caso de Sônia Guajajara, bem como instituições relevantes, destacam-se como fontes proeminentes.

O Jornal Mundo Negro, por sua vez, sobressaiu-se no mês de maio ao publicar um total de 21 matérias, ultrapassando consideravelmente as 52 veiculadas ao longo de todo o trimestre anterior, evidenciando-se um desempenho acima da média mensal esperada. No que tange às fontes que sustentaram as abordagens jornalísticas, um total de 27 indivíduos foi entrevistado, sendo 16 mulheres, duas das quais mulheres trans, e nove homens.

Dessa população, 12 eram mulheres negras, duas mulheres brancas, duas mulheres trans negras, oito homens negros e um homem branco. É nítido que houve um esforço em ampliar a representatividade no que diz respeito a gênero e raça, com uma ênfase especial na inclusão de mulheres negras e trans, demonstrando um comprometimento palpável com a valorização da diversidade. Quanto ao enquadramento temático, essa característica persiste como dominante.

Quantidade de matérias sobre a temática racial veiculada nos portais Alma Preta, Amazônia Real, Mundo Negro e Notícia Preta, no período de fevereiro a março de 2023



Fonte: Dados elaborados pelos autores da pesquisa

Considerações finais

Diante das análises realizadas das matérias da mídia hegemônica e independente negra, comparando o primeiro trimestre do ano com o mês de maio, por meio das metodologias referentes aos estudos do enquadramento, de Rothberg (2010) e a análise de fontes, de Lage (2001) podemos concluir que os resultados obtidos na mídia hegemônica divergem dos resultados da mídia independente, o que era esperado, visto que os objetivos e os princípios que as norteiam são opostos.

Notamos que o caso Vinícius Júnior mobilizou a mídia, sobretudo a hegemônica, a produzir matérias que tratam do racismo, no esporte, principalmente – a Folha, por exemplo, 70 matérias sobre o caso, de 21 a 31 de maio, o que é um ponto positivo e demonstra um enfoque maior na temática racial –. No entanto, percebe-se que o caso teve tal repercussão porque trata-se de uma pessoa famosa e que poderia ter sido realizado um aprofundamento maior do caso, apontando as causas e efeitos, a partir do caráter estrutural do racismo.

Ao contrário disso, o jornal optou por uma cobertura factual, ouvindo as fontes oficiais envolvidas no episódio. Logo, na mídia hegemônica, predominou o uso dos enquadramentos oficialistas, e a escuta de fontes ligadas aos governos, à segurança pública e entidades ligadas ao futebol, principalmente no caso de racismo contra Vinícius Júnior. Quanto à raça, ouviu-se mais pessoas brancas, um total de 607, do que

pessoas negras , 597. No entanto, nota-se que a disparidade é pequena, de apenas 10 fontes. Portanto, percebemos que a cobertura da mídia hegemônica priorizou enquadramentos e fontes oficiais, porém, há uma certa diversidade de raça.

Quanto à mídia independente negra, revelou-se um compromisso notável em ampliar a representatividade e diversidade de vozes. Mulheres negras são destacadas como fontes, amplificando suas experiências e perspectivas. Há também uma busca por equidade de gênero, com uma distribuição mais equilibrada entre homens negros e mulheres negras.

Além disso, os veículos se destacam pela inclusão de outras vozes marginalizadas, como mulheres indígenas e mulheres negras trans, promovendo a diversidade étnica e de gênero. No total foram ouvidas 110 mulheres, 100 homens e duas mulheres trans, sendo elas 82 mulheres negras, 79 homens negros, 11 mulheres brancas, 18 homens brancos, 17 mulheres indígenas, 26 homens indígenas e duas mulheres trans.

Ocorreu o predomínio dos enquadramentos temáticos, abrangendo influências sociais, políticas, econômicas e culturais e contribuindo para uma compreensão mais abrangente dos desafios enfrentados pela população negra e outros grupos marginalizados. A mídia independente negra desempenha um papel importante na promoção da equidade racial, ampliação da representatividade e reflexão sobre temas relevantes para comunidades marginalizadas, contribuindo para a inclusão no campo da mídia.

Como uma forma de superar os enquadramentos oficiais e fazer coberturas mais plurais, aprofundadas e abrangentes, que tenham uma Matriz de cobertura (GUERRA, 2010) satisfatória, que atenda aos requisitos para um Jornalismo plural e que não reproduza o racismo na Comunicação, nas duas mídias analisadas, sugerimos o uso de enquadramentos temáticos, os quais são abordagens que vinculam causas e efeitos, ouvem diversas fontes e não utilizam de preconceitos e estereótipos para construir as notícias, segundo Rothberg (2010).

Portanto, percebemos que o caso Vinícius Júnior mobilizou a mídia hegemônica a produzir matérias que tratam do racismo, porém a repercussão deveu-se ao fato de tratar-se de uma pessoa famosa; poderia ter sido realizado um aprofundamento maior, apontando causas e efeitos. Porém percebemos que no Portal g1 o caso serviu de mote

para a exploração de outros episódios de racismo, inclusive no exterior, o que aponta para uma perspectiva de ampliação da temática, mostrando a generalidade da violência racial. Quanto à mídia independente negra, revelou-se um compromisso em ampliar a representatividade e diversidade de vozes, com destaque para as mulheres negras.

Referências

CAMPOS, L. A. **A identificação de enquadramentos através da análise de correspondências: um modelo analítico aplicado à controvérsia das ações afirmativas raciais na imprensa.** Campinas, SP: OPINIÃO PÚBLICA, vol. 20, nº 3, dezembro, 2014, p. 377-406.

GROSGOUEL, R. **Para uma visão decolonial da crise civilizatória e dos paradigmas da esquerda ocidentalizada.** In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico.** Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2018, p. 62-89.

GUERRA, J. **Monitoramento de Cobertura e Produção Experimental Monitorada: Pesquisa aplicada voltada para a qualificação de produtos e processos jornalísticos;** In: CRISTOFOLETTI, Rogério (Org). **Vitrine E Vidraça: Crítica De Mídia e Qualidade No Jornalismo.** Covilhã, UBI: Livros LabCom, 2010 (p. 69-93).

HANGAI, L. A. **A Framing Analysis de Goffman e sua aplicação nos estudos em Comunicação.** REVISTA AÇÃO MIDIÁTICA - Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura - Programa de Pós Graduação em Comunicação. Curitiba: Universidade Federal do Paraná (UFPR), Vol 2. nº 1, 2012.

JONCEW, C. **A participação das fontes formais na qualificação da notícia.** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.

LAGE, N. **Teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

LOPES, F. **Observatórios de imprensa acadêmicos brasileiros: natureza, atuações e contribuições à formação jornalística.** Campo Grande, MS: jun. 2016.

ROTHBERG, D. **Jornalismo e informação para democracia: parâmetros para a crítica de mídia.** In: CRISTOFOLETTI, Rogério (Org). **Vitrine e Vidraça: Crítica de mídia e qualidade no Jornalismo.** Covilhã, UBI: LabCom Books, 2010.